

Como promover uma recessão global

A proposta atual de Donald Trump implicaria uma tarifa média da ordem de 17% sobre as importações para os EUA

Por *Carlos Primo Braga*

Valor, 29/10/2024

As eleições presidenciais dos EUA se aproximam e uma coisa é certa: um viés protecionista continuará a caracterizar a política comercial norte-americana independentemente de quem for eleito. As propostas da plataforma eleitoral de Donald Trump, no entanto, podem ter implicações mais significativas para a economia global.

Trump se autointitula o “Homem das Tarifas” e argumenta que a introdução de tarifas contra a China no seu mandato anterior teria sido um grande sucesso. Na sua visão de mundo, o comércio internacional é um jogo de soma zero em que os benefícios são capturados pelos exportadores e os custos impactam os importadores. Além disso, ele acredita que a imposição de tarifas tende a ser absorvida pelos exportadores sem maiores custos para os consumidores dos produtos importados.

Essas percepções são utilizadas para racionalizar medidas protecionistas. É comum encontrar entre os apoiadores de Donald Trump (por exemplo, Peter Navarro) a tese de que importações subtraem do PIB da economia que importa esses produtos. Essa visão reflete uma leitura equivocada de uma identidade macroeconômica básica: $PIB = Consumo + Investimento + Compras Governamentais + Exportações - Importações$.

O PIB é o valor de mercado de todos os serviços e bens finais produzidos no país. Esses itens estão associados ao consumo das famílias, aos investimentos privados, às compras governamentais e às exportações. Cabe assinalar que essas categorias incluem insumos importados e a subtração das importações na equação tem como objetivo cancelar a inclusão desses insumos. Em síntese, importações não diminuem o valor do PIB, muito embora para o observador desavisado seja comum uma interpretação errônea da identidade.

A plataforma eleitoral de Donald Trump propõe desde 2023 a aplicação de uma tarifa global de 10% (ou até mesmo de 20%) a ser aplicada a todas as importações. Robert Lighthizer, que atuou como US Trade Representative na administração Trump, porém, observou que na realidade o plano é de adicionar pelo menos 10% às tarifas existentes, de forma que uma tarifa atual de 5% seria elevada para 15%.

A recomendação mais significativa do candidato, no entanto, diz respeito à China. O plano de Trump prevê a imposição de uma tarifa de 60% (ou até mais) sobre todas as importações da China. Essa medida viria em conjunto com a revogação do status permanente de relações comerciais normais entre os EUA e a China. O capítulo seguinte desse confronto provavelmente seria marcado por reações da China, como observado nas retaliações que se seguiram à “guerra comercial” iniciada em 2018, e eventuais reações dos demais parceiros comerciais dos EUA. Nesse contexto, os paralelos com a experiência da década de 1930 merecem atenção.

Em 1930, o Congresso dos EUA aprovou o Smoot-Hawley Tariff Act que elevou a tarifa ad valorem (baseada em valor) média nos EUA de 25,9% para cerca de 50%. Essa medida

protecionista e suas externalidades, no contexto das retaliações implementadas por parceiros comerciais, contribuíram para uma contração significativa do comércio global na década de 1930. Essa contração magnificou os efeitos da Grande Depressão que teve como centelha inicial a crise de Wall Street em 1929 e que foi amplificada pela crise financeira associada com o colapso de bancos, como o Creditanstalt na Áustria, em 1931.

É bem verdade que as condições atuais da economia mundial são bem distintas daquelas que prevaleciam na década de 1930. Naquela época, os efeitos recessivos do protecionismo comercial foram alavancados pelas regras do padrão ouro, adotado por vários países, como a França, o Canadá e a África do Sul, no que diz respeito à política cambial. Esses países optaram por manter as suas taxas de câmbio fixas e reduzir importações por meio da imposição de tarifas ou via ações antidumping. Na atualidade, a preferência por taxas de câmbio flexíveis tende a amortecer os efeitos de medidas protecionistas.

Mesmo assim é indiscutível que a agenda Trump 2.0, se implementada, irá gerar a mais significativa intervenção protecionista da história dos EUA desde o Smoot-Hawley Tariff Act. Os efeitos do aumento tarifário durante Trump 1.0 (tarifas médias impostas aos produtos chineses da ordem de 19%) se traduziram em um aumento de cerca de 2% na tarifa sobre as importações dos EUA (calculada como uma média ponderada por fluxos comerciais). A proposta atual implicaria uma tarifa média da ordem de 17%.

Os efeitos dessa estratégia protecionista seriam significativos. Consumidores nos EUA irá depender da viabilidade de reorientar importações para países menos afetados pelo aumento tarifário (10% X 60%) e pela evolução do câmbio (por exemplo, se o yuan desvalorizar em relação ao dólar, o impacto será amortecido).

Empresas americanas serão também afetadas não apenas pelo encarecimento de insumos importados, mas também pela incerteza associada a essas medidas, no que diz respeito à implementação da política industrial dos EUA. Uma prioridade para os EUA é a produção doméstica de semicondutores sofisticados, mas a sua efetivação depende do acesso a máquinas de fotolitografia produzidas pela empresa holandesa ASML. Esses equipamentos custam centenas de milhões de dólares, e o aumento das tarifas irá impactar o custo dos investimentos, dificultando a implementação da estratégia de reindustrialização dos EUA.

O aumento generalizado de tarifas, em paralelo com propostas de deportação de 1,3 milhão de imigrantes ilegais, teria um impacto significativo nos EUA. Análises do Peterson Institute for International Economics sugerem que tais medidas seriam equivalentes a um choque inflacionário de mais do que 4% nos próximos anos.

As implicações para a economia mundial irão depender do cronograma de implementação dessas medidas, das reações de bancos centrais ao choque inflacionário e sobre como os países afetados irão reagir às tarifas norte-americanas. A expectativa é de que as retaliações adotadas pelos países afetados teriam os EUA como alvo. Dada a complexidade das redes de comércio global, porém, as externalidades desses conflitos podem levar a uma guerra comercial generalizada. Em suma, a agenda do “Homem das Tarifas” poderá fornecer a centelha inicial para uma recessão global.

Carlos A. Primo Braga é professor associado da Fundação Dom Cabral e ex-diretor de Política Econômica e Dívida do Banco Mundial.